

BERNARDO GUIMARÃES: PARA ALÉM DE A ESCRAVA ISAURA

BERNARDO GUIMARÃES: BEYOND A ESCRAVA ISAURA

Luana Batista de SOUZA

Universidade de São Paulo

luana.souza.usp@gmail.com

Resumo: Este artigo visa lançar luz sobre a obra de Bernardo Guimarães, um escritor brasileiro do século XIX, que hoje é pouco lembrado pelo cânone. Autor de diversas críticas literárias publicadas em periódicos, tais como as críticas feitas a alguns poemas de Gonçalves Dias e Junqueira Freire em *A Actualidade*, também escreveu livros de poemas, como *Cantos da Solidão* (1853) e *Folhas de Outono* (1883) e romances, entre os quais se destacam *O Ermitão do Muquém* (1868), *O Seminarista* (1872) e *A Escrava Isaura* (1875), mesmo assim poucos são os trabalhos e análises feitos sobre a sua produção literária. Desse modo, trataremos de sua trajetória enquanto homem, crítico, poeta e romancista a fim de resgatar a sua contribuição para o estabelecimento da literatura brasileira na segunda metade do século XIX. Além disso, apresentaremos um breve panorama das produções acadêmicas feitas sobre o autor e seus escritos nos últimos 20 anos. Apesar dessa produção incipiente, que denota certo interesse por parte da academia, Bernardo Guimarães foi relegado ao olvido ao passar dos anos e não deve ser visto apenas como o autor de *A Escrava Isaura*, seu romance de grande sucesso até os dias de hoje, com inúmeras traduções e adaptações. Crítico, poeta e romancista, Bernardo Guimarães tem uma vasta obra que merece ser lida, revisitada e estudada.

Palavras-chave: Bernardo Guimarães. Literatura brasileira. Romance brasileiro.

Abstract: This article aims to shine a light upon the work of Bernardo Guimarães, a brazilian author from 19th century, who is almost forgotten by the canon. The author wrote many essays published in journals, like the critiques of the poems of Gonçalves Dias and Junqueira Freire in *A Actualidade*. He also wrote some books of poems such as *Cantos da Solidão* (1853) and *Folhas de Outono* (1883) and novels among them *O Ermitão do Muquém* (1868), *O Seminarista* (1872) and *A Escrava Isaura* (1875), however, there are few studies about his works. So, we will study his life as a man, critic, poet, novelist, so that we can note the importance of his writing for the establishment of brazilian literature in the second half of the 19th century. We also aim to present a brief review of the researches done on the author during the last 20 years. Despite this growing interest in his work, which demonstrates academic interest, Bernardo Guimarães was forgotten through the years and he must be seen not only as the author of *A Escrava Isaura*, his most famous work until today with many translations and adaptations. Critic, poet and novelist, Bernardo Guimarães has left us a vast work which deserves to be read, reviewed and studied.

Keywords: Bernardo Guimarães. Brazilian literature. Brazilian novel.

Introdução

Há em nossa literatura escritores que foram esquecidos com o passar dos anos, seja por causa do estilo, que teve pouca aceitação do público e da crítica, ou ainda devido ao grande sucesso de outros autores do mesmo período. É este o caso de Bernardo Guimarães. Ao lado de Álvares de Azevedo, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, entre outros, o escritor mineiro deixou sua marca na literatura brasileira, que com o passar do tempo foi sendo apagada. Entre as críticas, poemas e romances que escreveu, apenas dois são os mais lembrados: *O Seminarista* (1872) e *A Escrava Isaura* (1875). Ainda que figure nos compêndios de literatura, sua obra não parece despertar muito interesse, de modo que são poucos os trabalhos produzidos sobre ela.

O objetivo deste artigo é abordar as três facetas de Bernardo Guimarães: o crítico, o poeta e o romancista, além de apresentar uma breve biografia. Chamamos atenção para a fortuna crítica que se tem produzido sobre o autor ao longo dos anos, mais afeita às peculiaridades da sua vida pessoal do que aos seus escritos. Citamos, ainda, alguns estudos desenvolvidos nos últimos 20 anos sobre a produção literária do escritor.

O homem

Ao consultar a fortuna crítica de Bernardo Guimarães, como bem descreve Sússekind (1993, p. 154), o que se nota é “(...) uma crítica que se traveste de biografia. Biografia que se converte numa sucessão de casos engraçados”. São esses casos engraçados que muitas vezes se sobrepõem à produção literária do autor mineiro, não havendo uma preocupação por parte da crítica em traçar sua trajetória literária e sim uma curiosidade com relação a comportamentos e acontecimentos considerados peculiares. Deste modo, o que se tem hoje é uma biografia romanceada do autor.

Um dos primeiros problemas que se coloca à sua biografia relaciona-se às datas de nascimento e morte. É comum encontrarmos na literatura uma disparidade com relação aos números. Autores como Badaró (1887, p. 57), Azevedo (1885, p. 223), Mota (1921, p. 107), Cruz (1911, p. 21) e Magalhães (1926, p. 16) dão 1825 como o ano do nascimento de Bernardo Guimarães. Por outro lado, Xavier da Veiga (1897, p.302), Almeida Nogueira (1977, p. 154), Teixeira de Mello (1884, p. 223), Romero (1960, p. 976), Veríssimo (1916, p. 286), Bevilacqua (1888, p. 58), Carvalho (1937, p.

258), Orban (1910, p. 120) e Sacramento Blake (1883, p. 413) indicam que o autor nasceu em 1827.

Magalhães (1926, p. 52), um dos biógrafos de Bernardo Guimarães, tendo consultado sua carta de bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo e o termo de assentamento de batismo, afirma com segurança que a data de seu nascimento é 15 de agosto de 1825.

O mesmo problema de imprecisão de datas ocorre com relação ao falecimento do escritor. O periódico *Gazeta de Notícias* indica como data de falecimento 09 de março de 1884, mesma data publicada pelo *Jornal do Commercio* e pela *Gazeta Literária*. Contudo, conforme relata um dos seus biógrafos, o escritor mineiro faleceu no dia 10 de março de 1884 (MAGALHÃES, 1926, p. 52).

Batizado Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, natural de Ouro Preto, filho de João Joaquim da Silva Guimarães e Constança Guimarães, o autor pertencia a uma família de intelectuais. Seu pai, por exemplo, escrevia sobre assuntos políticos, econômicos e literários em periódicos mineiros. Entre os poemas que escreveu, doze vieram a lume em *Folhas de Outono*, última obra poética de Bernardo Guimarães. João Joaquim da Silva Guimarães é considerado por Oliveira (1963, p. 111) um dos últimos árcades brasileiros.

Nascido em Ouro Preto, Bernardo Guimarães muda-se para Uberaba aos quatro anos de idade, onde começa sua vida escolar. Em seguida, inicia-se no curso de Humanidades, em um conceituado seminário em Campo Belo. Concluiu os estudos no colégio do padre-mestre Leandro, em Ouro Preto, cidade para onde a família havia retornado (MAGALHÃES, 1926, p. 16-19).

Em 1847 matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se em 1852, e tem como colegas de curso José Bonifácio, Silveira de Sousa, Felix da Cunha, José de Alencar, Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa. Após o término do curso de Direito, desempenhou o cargo de juiz municipal em Catalão – GO por duas vezes: a primeira de 1852 a 1854 e a segunda, em 1861, quando se envolveu em caso polêmico de liberação de alguns presos. Entre as duas passagens pela cidade goiana, foi jornalista no Rio de Janeiro (MAGALHÃES, 1926, p. 19-35).

Em 1859 passa a residir na corte, trabalhando ao lado de Flávio Farnese e Lafaiete Rodrigues Pereira, no jornal *A Actualidade*, onde escreveu artigos de crítica literária, sobre os quais falaremos mais adiante. No Rio de Janeiro, entra em contato

com Machado de Assis, com quem trabalhou na imprensa como repórter parlamentar no Senado (ALPHONSUS, 1952, p. 94).

Em 1867, casa-se, aos quarenta e dois anos, em Ouro Preto, com D. Tereza Gomes de Lima, sua grande admiradora, com quem teve oito filhos: João Nabor (1868-1873), Horácio (1870-1959), Constança (1871-1888), Isabel (1873-1915), Affonso (1876-1955), José (1882-1919), Bernardo (1832-1955) e Pedro (1884-1948). No ano anterior ao casamento, 1866, foi nomeado professor de retórica no Liceu de Ouro Preto. Extinta a cadeira de retórica é nomeado, em 1873, professor de latim e francês em Queluz – MG, atual Lafaiete, onde permaneceu por poucos anos, uma vez que as cadeiras de latim e francês também foram extintas. Retorna à sua cidade natal, onde residirá até a morte.

Falece no dia 10 de março de 1884, em Ouro Preto, aos cinquenta e nove anos. Morre com mais idade do que seus contemporâneos, que procuraram viver a boemia byroniana até as últimas instâncias e, conseqüentemente, morreram jovens. Foi sepultado no cemitério anexo à Igreja de São José, onde, em 10 de março de 1930, foi inaugurado seu mausoléu, construído a pedido do governo de Minas Gerais. O monumento é da autoria do escultor mineiro Antônio Mattos, construído no Rio de Janeiro sob a direção de Aníbal Mattos¹.

Em dezembro de 2006, o então governador de Minas Gerais, Aécio Neves, inaugura, totalmente restaurado, o “Solar das Cabeças”, casa onde morou Bernardo Guimarães em Ouro Preto. Atualmente o solar abriga a Fundação de Artes de Ouro Preto (FAOP) (MASCARENHAS, 2008, p. 13).

O crítico

A carreira de Bernardo Guimarães como crítico inicia-se no periódico *A Atualidade*, onde escreve sobre o segundo volume das *Sátiras, epigramas e outras poesias*, do Padre José Joaquim Correia de Almeida, *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, *Inspirações do Claustro*, de Junqueira Freire e *A Nebulosa*, de Joaquim Manoel de Macedo. Há ainda, textos publicados neste jornal que, apesar de não serem assinados pelo escritor mineiro, são atribuídos a ele. É o caso de “Revista literária”, de 01 de

¹ Segundo informações de Armelino Guimarães, neto do romancista, em “Vida e obra de Bernardo Guimarães” disponível em: <<http://geocities.com/Athens/olympus/3583/victoria.htm>>. Acesso em 31/08/2009.

outubro de 1859. Trata-se de uma espécie de “manifesto literário” que versa a respeito do caráter científico e “imparcial” da crítica literária (GOMES, 2007, p. 94).

As críticas produzidas por ele eram consideradas como excessivamente rigorosas e pouco cavalheirescas (MAGALHÃES, 1926, p. 39). Dutra & Cunha (1956, p. 50), referem-se aos artigos como sendo “crítica literária no sentido mais rigoroso da expressão”. Nas palavras de Oliveira (1963, p. 107-108):

Sua crítica teria sido um tanto áspera, estribado (*sic*) em doutrinas pessoais, hauridas em mestres portugueses. Por vezes, teria cometido injustiças, que lhe não abonam o senso crítico, obliterado, em verdade, pelo espírito de discórdia e emulação, reinante na época. Daí, talvez, a origem de suas invectivas a Junqueira Freire, a Joaquim Manuel de Macedo, e acima de tudo, a Gonçalves Dias. (...) Ao tempo em que Bernardo pontificava no jornal *A Atualidade*, a crítica literária guardava (como guarda ainda, nos dias correntes) o que seria personalismo puro.

A respeito do caráter da produção crítica de Bernardo Guimarães:

Sua crítica era uma toda de posição, e exhibe-nos um Bernardo Guimarães antirromântico, insensível à ação de flor de laranja de Macedo, e ao quinhentismo dos *Timbiras*. Por cima de tudo: um bom crítico, ótimo até, amiúde com a razão, observando de ângulo justo (DUTRA & CUNHA, 1956, p. 51).

Vejamos uma das críticas desferidas à *Nebulosa* de Macedo:

É um ruído de palavras estrepitosas, que pouco pintam, um montão de expressões exageradas, que revelam que o trovador, apesar dos louros que lhe ornem a fronte, ainda é bem novel na arte das musas, pois confunde o sublime com a ênfase de uma declamação fofa e bombástica (DUTRA & CUNHA, 1956, p. 51-52).

Como é possível notar, na crítica à *Nebulosa*, Bernardo Guimarães rejeita a proliferação de “expressões exageradas”. Todavia, se, enquanto crítico considera as expressões exageradas como um defeito, enquanto romancista, ele incorrerá nos “erros” apontados nas críticas que escreveu. Seriam esses “erros” os longos períodos descritivos – “a repetição de detalhes ou circunstâncias, como falta de confiança na atenção ou memória do leitor; explicações ao mesmo leitor sobre o desenvolvimento de fatos já narrados com exaustiva minúcia” (ALPHONSUS, 1952, p. 95) – considerados elementos característicos do estilo do autor.

A faceta de crítico literário é desconhecida da maioria de seus críticos, como bem assinala Magalhães (1926, p. 38), e, provavelmente ignorada por grande parte seus leitores. Um exemplo deste desconhecimento por parte da crítica é o que diz Veríssimo (1916, p. 283): “Não sabemos o que vale a sua crítica. Como ele não

perseverou nela e não deixasse como crítico obra por que o avaliemos, pouco nos importa sabê-lo, rebuscando jornais velhos”.

Embora essa faceta fosse desconhecida por parte do seu cânone crítico, há alguns anos desperta interesse na crítica acadêmica por mais que não resulte numa produção extensa. Entre os estudos sobre a produção crítica de Bernardo Guimarães podemos citar: Miranda (2003), Boechat (2004) e Gomes (2007).

O primeiro aborda as críticas que Bernardo Guimarães fez ao poema *Os timbiras*, de Gonçalves Dias, publicadas em quatro números do periódico *A Actualidade*.

O segundo trata brevemente da crítica de Bernardo Guimarães, citando sua produção publicada no periódico *A Actualidade*, bem como os críticos que abordam o assunto, como Brito Broca e Antonio Candido.

Por fim, o terceiro, em extensa pesquisa, busca mapear a “perigrafia textual esparsa”² (GOMES, 2007, p. 10) publicada no periódico supracitado, além do estudo dos poemas de Bernardo Guimarães. Procura também detectar a ironia com que o autor se expressa frente “à historiografia crítica e às manifestações estético-literárias do Romantismo brasileiro” (GOMES, 2007, p. 7).

O poeta e romancista

Bernardo Guimarães produziu muitos escritos. Além das críticas que publicou em jornais, foi poeta, romancista e dramaturgo. Conforme classificação de Cruz (1914, p. 22), seguem abaixo as obras do escritor ouro-pretano, organizadas cronologicamente:

Poemas

Cantos da Solidão (1853)

Inspirações da Tarde (1853)

Poesias (1868)³

Novas Poesias (1870)

² Gomes (2007, p. 14) define por perigrafia textual “o conjunto de textos críticos, prólogos e cartas pessoais que apontam indícios de uma conjectura estética proposta e seguida por Bernardo Guimarães em sua produção literária”.

³Na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, vol. I (2001, p. 810), consta o ano de 1865. O mesmo se dá em AMORA (1973, p. 293).

Folhas de Outomno (1883)

Romances

O Ermitão de Muquem (1868)⁴

Lendas e Romances (1871)

Historias e Tradições da Provincia de Minas Gerais (1872)

O Garimpeiro (1872)

O Seminarista (1872)

O Índio Affonso (1873)

A Escrava Isaura (1875)

Mauricio (ou os Paulistas em S. João d'El Rey) (1877)

O Pão de Ouro (1879)

A Ilha Maldita (1879)

Rosaura (a engeitada) (1883)⁵

Romance póstumo

O Bandido do Rio das Mortes (1904)⁶

Inéditos

A Voz do Pagé (drama) (1914)⁷

Os três recrutas (drama, perdido)⁸

Os Inconfidentes (drama, obra truncada)

A partir desta listagem, é possível perceber que Bernardo Guimarães escrevia com frequência, sendo possível haver em um ano duas ou três obras suas publicadas.

⁴Foi publicado pela primeira vez, em 1858 no periódico *O Constitucional* (DUTRA & CUNHA, 1956, p. 54).

⁵Segundo Romero (1960, p. 987), a data de publicação é 1882.

⁶De acordo com Alphonsus (1952, p. 95), a edição foi coordenada e publicada pela viúva do escritor, D. Tereza Guimarães.

⁷Drama encenado em 1860 em Ouro Preto (MOISÉS, 1989, p. 194). Publicado pela primeira vez por CRUZ (1914).

⁸Segundo Magalhães (1926, p. 205) trata-se de uma peça totalmente perdida. *Os Inconfidentes*, por sua vez, ainda que Magalhães afirme se tratar de uma peça truncada, não fornece dados sobre sua localização, ou mesmo explica o que ele atribui como obra truncada.

Seu primeiro livro, *Cantos da Solidão*, foi inicialmente publicado em São Paulo, em 1852, pela Tipografia Liberal de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, embora Cruz (1914, p. 22) considere o ano de 1853 como ano de publicação da obra. Trata-se de um volume de poesia deixado aos colegas da Faculdade de Direito, que resolveram publicá-lo (SACRAMENTO BLAKE, 1883, p. 414). Sua segunda edição vem a lume no Rio de Janeiro, em 1858, por B. L. Garnier, com acréscimo de alguns poemas que não haviam sido publicados na primeira edição, estes sob o título de *Inspirações da Tarde*. Em 1865, é publicada a terceira edição, *Poesias*, também pelo mesmo editor.

Todos os romances, exceto *O Ermitão do Muquém*, lançado inicialmente em folhetim, foram publicados pela editora de B. L. Garnier. Sabe-se, por meio de contratos assinados entre autor e editor, que Bernardo Guimarães vendeu os direitos autorais de todas as suas obras para seu editor⁹.

A produção literária de Bernardo Guimarães pode ser dividida em dois momentos, o poeta, de 1853 a 1870, e o romancista, cuja produção vai de 1871 até 1883, pouco antes de sua morte. Para Candido (2009¹⁰, p. 549), sua boa produção poética vai até a década de 1860, sendo que, de 1870 em diante, se dá a produção de quase todos os romances “e nem mais um verso aproveitável”.

Enquanto poeta, Bernardo Guimarães é conhecido pelo tom irônico, satírico e obsceno. Nos tempos da Faculdade de Direito, escrevia bestialógicos, um tipo de poesia denominada pelos estudantes como “pantagruélica” (CANDIDO, 2004, p. 52). No entanto, em muitos manuais de literatura, o romancista parece se sobrepor ao poeta. Poucos estudos foram realizados a respeito da poética de Bernardo Guimarães, tais como o de Zica (2008), Gomes (2007), citado anteriormente, e Corrêa (2006), sendo estes os mais recentes. Sua poesia é considerada desde pré-romântica por Dutra & Cunha (1956, p. 53) a naturalista (ROMERO, 1960, p. 981). Dentre seus livros publicados, Romero (1960, p. 977) considera *Poesias* o melhor.

Enquanto romancista, como é mais lembrado, Bernardo Guimarães escreveu doze obras. Figuram entre as mais conhecidas *A Escrava Isaura* e *O Seminarista*. O primeiro romance foi adaptado para o cinema em 1929 e para teledramaturgia duas

⁹ Os contratos firmados entre Bernardo Guimarães e B.L. Garnier encontram-se no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, pasta Bernardo Guimarães.

¹⁰ Primeira edição: 1959.

vezes, a primeira em 1976 e a segunda em 2004. Já o segundo, foi adaptado para o cinema também em 1976 (COUTINHO & SOUSA, 2001, p. 810).

Oliveira (1963, p. 113) considera Bernardo Guimarães “a expressão alta do prosador mineiro mais alto desse tempo [referindo-se ao romantismo]”. Para o crítico, a variedade de temas do escritor não tinha limites. Oliveira frisa o que alguns críticos parecem esquecer: a popularidade que o autor alcançara em seu tempo. Isso fica claro ao depararmos com duas edições de *O Seminarista*, num período de três anos, além do grande sucesso que foi, e ainda é, *A Escrava Isaura*.

No que diz respeito ao seu lugar no Romantismo brasileiro, Bernardo Guimarães é considerado por alguns críticos, como Coutinho (1986, p. 20-21), Moisés (1989, p. 183), Romero (1905, p. 59) e Veríssimo (1954, p. 243), integrante da segunda geração ou segundo período, ao lado de José de Alencar, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo. Carpeaux (1964, p. 90-91), cujo critério de divisão é da diversidade estilística e ideológica, enquadra Bernardo Guimarães no que ele chama de “romantismo nacional e popular”, no qual se enquadram também Gonçalves Dias, José de Alencar e Apolinário Porto Alegre (VOLOBUEF, 1998, p. 160-162). É apontado por Veríssimo (1954, p. 241) e Castello (s.d., p. 48) como o criador do romantismo regionalista no Brasil.

O estilo e a crítica

O cânone crítico¹¹ de Bernardo Guimarães não é unânime. Há quem o considere melhor poeta que romancista, como Bandeira (1946, p. 74-75) e Dutra & Cunha (1956, p. 56) ou ainda um poeta menor, como Veríssimo (1901, p. 258). Há ainda, aqueles cuja opinião sobre a produção literária do poeta e romancista vai além. É o caso de Alcântara Machado (1940, p. 216), que o considera “coisa morta e liquidada literariamente”, importando-se somente em estudar a figura do homem e não do escritor. Identificamos aí o que Süsskind (2002, p. 154) fala a respeito da crítica sobre o autor, “uma crítica que se traveste de biografia” e que pouco explora além disso.

Veríssimo (1916) é um dos críticos mais implacáveis. Para ele, Bernardo Guimarães escreveu mal, sem apuro de composição ou beleza de estilo. Em sua opinião “em toda a obra romântica de Bernardo Guimarães será difícil escolher uma

¹¹ Entende-se por cânone crítico a produção crítica produzida sobre um determinado autor, neste caso, sobre Bernardo Guimarães por críticos e estudiosos de literatura.

página que possamos citar como pintura ou expressão exemplar do meio sertanejo” (VERÍSSIMO, 1916, p. 291).

Segue a mesma direção a seguinte crítica feita por Monteiro Lobato (1965, p. 11-12):

Lê-lo é ir para o mato, para a roça – mas uma roça adjetivada por menina de Sion, onde os prados são *amenos*, os vergéis *floridos*, os rios *caudalosos*, as matas *viridentes*, os píncaros *altíssimos*, os sabiás *sonorosos*, as rolinhas *meigas*. Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador. Não existe nele o vinco enérgico da impressão pessoal. Vinte vergéis que descreva são vinte perfeitas e invariáveis amenidades. Nossas desajeitadíssimas caipiras são sempre lindas morenas cor de jambo.

Bernardo falsifica o nosso mato. Onde toda gente vê carrapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta doçuras, insetos maviosos, flores olentes¹².

Bernardo mente.

Ainda para Alcântara Machado (1940, p. 216) não há sentido em considerar Bernardo Guimarães como “um dos iniciadores do romance brasileiro”, visto que ninguém o continua fora da Academia Brasileira de Letras ou o toma por patrono. O escritor paulista continua, indagando qual importância anunciadora teve a obra do autor ouro-pretano.

Ao contrário de Veríssimo, Lobato e Alcântara Machado, Romero (1885 e 1960), Grieco (1932), Carvalho (1937) e Candido (2009) assumem outra postura em relação à obra e ao estilo de Bernardo Guimarães.

Romero (1960, p. 987) diz que o escritor mineiro merece atenção “pelo caráter nacional de suas narrações, pela simplicidade dos enredos, pela facilidade do estilo”. Considera como obras mais significativas: *O Garimpeiro*, *O Seminarista*, *Maurício* e *A Escrava Isaura*. Para ele, Bernardo Guimarães juntamente com Franklin Távora é um predecessor do Naturalismo à contemporânea. Sobre os defeitos de escrita do autor mineiro, eis o seu parecer: “Tem-nos e bastantes: é muitas vezes prosaico, às vezes incorreto e não poucas superficial. Tem certa delicadeza de tintas; mas não tem força; interessa mas não prende, não cativa, não entusiasma. Em todo caso, é um produto do seu meio.” (ROMERO, 1885, p. 38)

Alphonsus (1952, p. 95), assim como Romero, também acentua os defeitos do estilo do escritor:

¹² Grifo do autor.

(...) a repetição dos detalhes ou circunstâncias, como falta de confiança na atenção ou memória do leitor; as explicações ao mesmo leitor sobre o desenvolvimento de fatos já narrados, com exaustiva minúcia; os diálogos sem naturalidade, já porque deformados pelo romantismo, já porque os personagens também se explicam cuidadosamente, empregando adjetivos que só o autor ou o leitor como espectadores poderiam estar percebendo. (...) As falas dos personagens lembram muitas vezes as tiradas dos dramalhões. E na verdade tem o autor um modo teatral de narrar, de tecer o enredo dos romances, agrupando personagens ou fatos como no palco, e — tipo dramalhão — fazendo uns acontecimentos mudar o curso de outros *na hora*¹³, quando tudo já parecia perdido, com escandalosa oportunidade.

Embora o crítico tenha enumerado como defeitos algumas características da narrativa de Bernardo Guimarães, Alphonsus (1952, p. 101) acaba concluindo que estas são deficiências que estariam no gênero romântico e na pouca exigência, não só dos leitores, mas também dos ouvintes de narrativas orais, que pouco se importariam com a verossimilhança desde que a história “acabasse bem”. Talvez seja por isso que Romero (1885, p. 38) afirma ser o escritor um produto do seu meio. Alphonsus (1952, p. 101) chega a se perguntar se o modo como Bernardo Guimarães e outros de sua época romanceiam “não corresponderia a um estágio dos leitores, que exigiam tais romances, e não outros?”

Grieco (1947, p. 35), por seu turno, crê que a contribuição do escritor mineiro à literatura “constituiu aperfeiçoamento dos mais valiosos”. Em sua opinião, Bernardo Guimarães era “dono de uma palheta em que os verdes da floresta rebrilham”, “amou e eternizou os seus fazendeiros e os seus mineradores”, “não humilhava o tema pelo excesso da riqueza literária”.

Carvalho (1937, p. 258), embora afirme que a respeito das personagens retratadas, Bernardo Guimarães não conseguiu fixar um só tipo realmente perfeito, considerando-os mais ou menos postiços e convencionais, reconhece que as descrições são agradáveis e, inclusive, justas algumas vezes:

(...) elle sabia evocar admiravelmente os aspectos da natureza, animava com espontaneidade as formas mudas da paisagem (...) vê-se que o artista estava no seu elemento quando se defrontava com a selva natal. E é como descriptivo que merece atenção. (CARVALHO, 1937, p. 259)

Cavalheiro (1959, p. 78), por sua vez, reconhece que as descrições são excelentes como pinturas da natureza, mas, assim como Carvalho, considera os tipos humanos postiços, afirmando que “nos retratos psicológicos não conseguiu realizar nada de apreciável”.

¹³ Grifo do autor.

Esta opinião de Carvalho a respeito dos tipos é rebatida por Oliveira (1963, p. 113-114), que diz se tratar de um desacerto de quem conhece pouco ou ignora a vida do interior do Brasil. As criações de José de Alencar e muitas de Joaquim Manuel de Macedo é que seriam “postiças, convencionais, fortemente intelectualizadas, sem realidade pura” (1963, p. 113). Em suas palavras, “Quem ler *O Seminarista* viverá um drama de consciência, que teve pura realidade, e a que o autor deu traços indelévels do romance, buscando nele introduzir cenas brasileiras, em painéis dignos de grande pincel, a par de estados psicológicos.” (OLIVEIRA, 1963, p. 114)

Sobre o lugar que ocupa Bernardo Guimarães nos compêndios de literatura, Dutra e Cunha (1956, p. 55) afirmam que “seu espólio novelístico é hoje negado por quase todos os nossos críticos e ensaístas”. De fato, pouco tratou o cânone crítico da obra do escritor mineiro, limitando-se a comentários de estilo. São raros os estudos realizados pelos seus críticos, coevos ou posteriores, havendo apenas certo interesse, visto muitas vezes como tardio, por parte da crítica acadêmica. Candido (2009) foi um dos críticos que esboçou uma análise um pouco mais demorada, ainda que não aprofundada, sobre os tipos construídos pelo autor e as situações de suas obras. Reconhece que dos livros de Bernardo Guimarães, o que permanece incorporado à nossa sensibilidade é muito pouco, “além da vaga lembrança dos enredos” (CANDIDO, 2009, p. 551). Para ele, esse pouco se constitui por uma impressão de natureza plástica, referindo-se ao teor das descrições.

"Coisa morta e liquidada literariamente"

O que fez Alcântara Machado afirmar nos anos 1940 que Bernardo Guimarães era “coisa morta e liquidada literariamente”? Teria havido alguma rusga nos bastidores entre Bernardo Guimarães e seus críticos ou ainda entre o autor e escritores contemporâneos a ele que contribuísse para o seu esquecimento? Talvez as respostas para estas perguntas não possam ser dadas com convicção, contudo causa estranhamento o fato de ao longo dos anos Bernardo Guimarães ter ficado em segundo plano, seja na academia ou nas escolas. O que se lê hoje dele, se ainda for lido, é o romance *A Escrava Isaura*, que goza de certa popularidade desde o seu lançamento até os dias de hoje devido às adaptações audiovisuais. E seus poemas? Seus contos? Quem ainda os lerá?

Decerto, já é tempo de lançar luz e restituir o interesse por sua produção através de trabalhos que visem à análise, à interpretação e até mesmo à edição de seus escritos. A partir de um levantamento feito na base de dados de diversas universidades brasileiras, foi possível mapear 20 anos de uma produção científica incipiente que não consegue, ainda, abarcar todos os aspectos da obra de Bernardo Guimarães conforme mostra o quadro abaixo:

Autor	Título	Tipo de trabalho	Ano de publicação
CORRÊA, Irineu Eduardo Jones.	<i>Bernardo Guimarães e o paraíso obscuro. A floresta enfeitada e os corpos da luxúria no romantismo</i>	Tese de doutorado	2006
CUNHA, Cilaine Alves.	<i>O Sublime e O Humor irônico: Gonçalves Dias, Sousândrade, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis.</i>	Tese de livre docência	2016
GOMES, Ednaldo Cândido Moreira.	<i>Sutilezas e mordacidades na poética de Bernardo Guimarães</i>	Dissertação de mestrado	2007
SANTOS, Fabiano Rodrigo da Silva.	<i>Lira dissonante: o grotesco na lírica romântica brasileira: considerações sobre aspecto do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa</i>	Tese de doutorado	2009
SOUZA, Luana Batista de.	<i>Era uma febre, era um delírio: edição crítica de O Seminarista, de Bernardo Guimarães</i>	Tese de doutorado	2017
SOUZA, Luana Batista de.	<i>Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista, de Bernardo Guimarães</i>	Dissertação de mestrado	2012
ZICA, Matheus da Cruz.	<i>Diversificação dos modos de ser masculino e estatização da violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1869-1872)</i>	Tese de doutorado	2011

Quadro 1 — Produção acadêmica sobre Bernardo Guimarães

A partir desse quadro, nota-se que os trabalhos realizados sobre Bernardo Guimarães versam sobre sua poética, o estilo irônico, as críticas no jornal *A Actualidade*, havendo ainda uma edição crítica do romance *O Seminarista*. Embora esses estudos denotem que o escritor mineiro não está completamente esquecido, percebemos que eles estão aquém do conjunto de sua obra, havendo ainda muito material a ser analisado.

Considerações finais

Bernardo Guimarães foi um escritor muito produtivo e talvez um dos mais longevos de sua geração. Enquanto alguns de seus contemporâneos morreram jovens, deixando poucos escritos, como seu grande amigo Álvares de Azevedo, a sua produção literária se estende de 1853 a 1883 considerando apenas as publicações em vida. Autor de críticas, poeta e romancista, seu legado à história da literatura é de fundamental importância. Ainda que seja citado pela historiografia brasileira, a crítica divide-se em considerá-lo bom poeta e mau romancista ou bom romancista de poucos versos aproveitáveis, havendo ainda críticos, como Alcântara Machado, que desconsideram toda a sua produção e preferem tratar do autor quase como um personagem.

Seja como poeta ou romancista, Bernardo Guimarães transitou por diversos estilos, dos versos pré-românticos ao romantismo regionalista. Nos últimos vinte anos, foi possível perceber que a produção acadêmica procurou analisar alguns aspectos de sua produção, tais como as críticas publicadas em periódicos, sua poética e seu estilo. No entanto, de todas as suas obras, ficaram na lembrança do leitor *A Escrava Isaura* e *O Seminarista*. Já é tempo de regastar *O Índio Afonso*, *O Garimpeiro*, *O Ermitão de Muquém* e seus demais escritos.

Referências bibliográficas

ALPHONSUS, J. Bernardo Guimarães, romancista regionalista. In FERREIRA, A. B. H. **O romance brasileiro, de 1752 a 1930**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, [1952]. p. 91-102

AMORA, A. S. **O romantismo, 1833-1838/1878-1881**. São Paulo: Cultrix, 1973.

- AZEVEDO, A. Bernardo Guimarães. **Almanaque**, de Heitor Guimarães, 1885. p. 223.
- BADARÓ, F. C. D. **Parnaso mineiro**: notícia dos poetas da provincia de Minas Geraes. Ouro Preto: Provincia de Minas, 1887. p. 57-59
- BANDEIRA, M. (organização e prefácio). **Antologia dos poetas brasileiros**: fase romântica. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1946. p.74-75
- BEVILAQUA, C. **Epochas e individualidades**. Estudos litterarios. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.
- BOECHAT, M. C. Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães. In: CAMBRAIA, C. N.; MIRANDA, J. A. **Crítica textual**: reflexões e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual – Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 143-148
- CANDIDO, A. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas- FFLCH-USP, 2004.
- . Bernardo Guimarães, poeta da natureza. In _____. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2009. 12ª. ed. p. 484-92 (1ª. ed. 1959)
- CARPEAUX, O. M. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968. p 102-104
- CARVALHO, R. **Pequena história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Briguier, 1937. 5ª.ed. p. 258-259.
- CASTELLO, J. A. **A literatura brasileira**: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: EDUSP, 2004. vol. I p. 238- 243.
- CAVALHEIRO, E. **Panorama da poesia brasileira, vol. II – O Romantismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. p. 77-84.
- CORRÊA, I. E. J. **Bernardo Guimarães e o paraíso obscuro**. A floresta enfeitada e os corpos da luxúria no romantismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Tese (Doutorado em Letras). Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2006/irineueduardo_floresta.pdf>. Acesso em: 14/05/2010.
- COSTA LIMA, L. Bernardo Guimarães e o cânone. In _____. **Pensando nos trópicos**. (Dispersa Demanda II). Rio de Janeiro: Vozes, 1991. p. 241-252
- COUTINHO, A.; SOUSA, J. G. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global, 2001. p. 810-811.
- CRUZ, D. **Bernardo Guimarães**: perfil bio-bibliolitterario. Contendo na íntegra o drama inédito: A voz do Pagé. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1914. 2ª. ed.

CUNHA, C. A. **O Sublime e O Humor irônico**: Gonçalves Dias, Sousândrade, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. São Paulo: USP, 2016. Tese (Livre docência em Letras)

DUTRA, W.; CUNHA, F. **Biografia crítica das letras mineiras**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956. p. 47-58

GOMES, E. C. M. **Sutilezas e mordacidades na poética de Bernardo Guimarães**. Belo Horizonte: PUC, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&c_o_obra=89993>. Acesso em: 11/01/2010.

GRIECO, A. **Evolução da prosa brasileira. 1932**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947. 2ª.ed. rev. p. 35-36

MACHADO, A. A. O fabuloso Bernardo Guimarães in _____. **Cavaquinho e saxofone**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1940. p. 215-224

MAGALHÃES, B. **Bernardo Guimarães**: esboço biográfico e crítico. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.

MASCARENHAS, A. F. **Cadernos Ofícios**: Casa Bernardo Guimarães. Ouro Preto: FAOP, 2008.

MELLO, J. A. T. Bernardo Guimarães. **Gazeta Literária**, Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, I/11, 20 de março de 1884.

MIRANDA, J. A. **Bernardo Guimarães**: crítico de Gonçalves Dias. 2003. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/\(2003\)bernardo.pdf](http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/(2003)bernardo.pdf)>. Acesso em: 30/09/2009.

MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**: romantismo. v. 2. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1989.

MONTEIRO LOBATO, J. B. **Cidades mortas**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

MOTA, A. **Vultos e livros**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1921. p. 107-118

NOGUEIRA, A. **A academia de São Paulo**: tradições e reminiscências: estudantes, estudantões, estudantadas: edição comemorativa do sesquicentenário dos cursos jurídicos no Brasil, 1827-1977. (notas e acréscimos de Carlos Penteado de Rezende). São Paulo: Saraiva, 1977. Vol. III - 3. ed.

OLIVEIRA, M. A prosa – advento do romance – conto in _____. **História da literatura mineira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963. p.113-114

ORBAN, V. **Litterature brésilienne**. Paris: Librairie Garnier Frères, 1910. 2ª. ed. p. 120

ROMERO, S. **Estudos de literatura contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. (Rio de Janeiro: Laemmert, 1885). p. 35-39

_____. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1960. 3ª. ed. vol. III. p.297-313. (1ª ed. 1888)

_____. **Evolução da literatura brasileira (vista sintética)**. S.l.: Campanha, 1905.

SACRAMENTO BLAKE, A. V. A. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. vol. 1 p.413

SANTOS, F. R. S. **Lira dissonante: o grotesco na lírica romântica brasileira: considerações sobre aspecto do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa**. Araraquara: Unesp, 2009. Tese (Doutorado em Letras). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102364/santos_frs_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27/06/2015.

SOUZA, L. B. **Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista**, de Bernardo Guimarães. São Paulo: USP, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras)

_____. **Era uma febre, era um delírio: edição crítica de O Seminarista**, de Bernardo Guimarães. São Paulo: USP, 2017. Tese (Doutorado em Letras)

SÜSSEKIND, F. Bernardo Guimarães: romantismo com pé-de-cabra. In _____. **Papéis Colados**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. p. 151-164

VEIGA, J. P. X. **Ephemerides mineiras (1664-1897)**. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897. p. 302-307

VERÍSSIMO, J. **Estudos de literatura brasileira**. 2ª. série. Rio de Janeiro: Garnier, 1901. (Bernardo Guimarães, p. 253-264)

_____. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916. p. 286-291.

_____. **História da literatura brasileira de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

VOLOBUEF, K. **Frestas e arestas: A prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. (Coleção Prismas). p.160-170

ZICA, M. C. **Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-1883)**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras)

